

SOCIEDADE DE  
CULTURA  
ARTÍSTICA

2010

Itzhak Perlman  
Violino

Rohan De Silva  
Piano

# Itzhak Perlman

Violino

Estrela maior da exclusiva constelação de grandes musicistas de concerto, Itzhak Perlman desfruta de posição singular entre seus pares: à parte o inegável virtuosismo que demonstra no instrumento que o consagrou — o violino —, esse excepcional musicista transformou-se ao longo das últimas quatro décadas em verdadeira celebridade internacional. Perlman não é apenas o grande violinista de sua geração: é um dos maiores talentos musicais surgidos na segunda metade do século XX.

Nascido em Israel, em 1945, Itzhak Perlman realizou seus primeiros estudos musicais na Academia de Música de Tel Aviv. Ao final da década de 1950, de passagem por Nova York, despertou atenção com duas apresentações no hoje lendário programa de televisão de Ed Sullivan, o que lhe rendeu fama e uma extensa turnê pelos Estados Unidos. Decidido a permanecer no país, ingressou, então, na famosa *Juilliard School of Music*, onde estudou com Ivan Galamian e Dorothy DeLay. Em 1963, debutou no *Carnegie Hall* nova-iorquino e, no ano seguinte, ganhou o prestigioso *Leventritt Memorial Award*, ponto de partida para uma espetacular carreira internacional que ganharia impulso a partir das estreias em Londres e Paris, na temporada 1967-68.

Desde então, esse notável violinista israelense tem se apresentado com virtualmente todas as grandes orquestras do cenário erudito pelos mais destacados centros mundiais da música de concerto, não apenas na qualidade de excepcional instrumentista, mas também no comando dos mais renomados *ensembles*.

Recentemente, por exemplo, Perlman excursionou por Japão e Coreia do Sul, em temporada de nove recitais com o pianista Rohan De Silva por cidades como Tóquio, Osaka, Nagoya e Seul. A presente temporada prevê ainda concertos com a Filarmônica de Nova York, no *Avery Fisher Hall*, com as sinfônicas de Chicago e Toronto, bem como vários recitais pelos Estados Unidos, com passagens por Los Angeles, San Francisco,

Washington e Princeton, além da turnê sul-americana que hoje o traz à Sala São Paulo.

Na qualidade de regente, Itzhak Perlman já atuou à frente das maiores orquestras norte-americanas, como as filarmônicas de Nova York e Los Angeles e as sinfônicas de Chicago, Boston e San Francisco. Na Europa, regeu as filarmônicas de Berlim e Londres, além da Orquestra Real do *Concertgebouw* de Amsterdã e da *English Chamber Orchestra*. Vínculo especial o une à Orquestra Filarmônica de Israel, no comando da qual realizou apresentações históricas e pioneiras, como as que tiveram lugar em Varsóvia e Budapeste, em 1987 — as primeiras da orquestra no antigo bloco soviético —, na própria ex-União Soviética, em 1990, e na China e na Índia, em 1994.

Em numerosas gravações, agraciadas com nada menos que 15 prêmios Grammy, Perlman já registrou sonatas e partitas de Bach, os Caprichos de Paganini e boa parte do repertório virtuosístico para violino, assim como interpretações únicas de Brahms, Mozart, Beethoven, Berg e Stravinsky, em companhia de artistas como Pinchas Zukerman, Daniel Barenboim, Vladimir Ashkenazy e Seiji Ozawa.

Por sua constante atuação na TV, veículo que primeiro lhe deu projeção, Perlman recebeu quatro prêmios Emmy, e, no cinema, orgulha-se de ter executado os solos de violino compostos por John Williams para *A lista de Schindler*, de Steven Spielberg, vencedor do Oscar de 1994 em sete categorias, dentre elas melhor filme, melhor direção e melhor trilha sonora.

Numerosas instituições distinguiram Itzhak Perlman com comendas diversas ao longo de sua vitoriosa trajetória. As universidades Harvard, Yale e Brandeis concederam-lhe doutorados honorários, e o governo dos Estados Unidos outorgou-lhe a Medalha da Liberdade, em 1986, e a *National Medal of Arts*, em 2000.

# Rohan De Silva

Piano

Nascido no Sri Lanka, na extremidade sul do subcontinente indiano, Rohan De Silva deu início aos estudos de piano com sua mãe, Primrose De Silva, e, mais tarde, sob a orientação de Mary Billimoria. Seis anos na Academia Real de Música de Londres puseram-no, então, em contato com os ensinamentos de conceituados mestres, tais como o pianista britânico Hamish Milne, o violinista Sydney Griller e o pianista Wilfred Parry. Ainda em Londres, seu brilhantismo rendeu-lhe prêmios diversos, como a *Grover Bennett Scholarship*, o *Christian Carpenter Prize* e o *Harold Craxton Award*, além da *Chappell Gold Medal*, que lhe foi conferida quando da graduação, por seu notável desempenho na *Royal Academy*.

Concluídos os estudos londrinos, uma bolsa inédita, concedida pelo governo de seu país, permitiu a De Silva o ingresso na famosa *Juilliard School of Music* de Nova York, onde o pianista adquiriu o grau de mestre. Ali, estudou piano com Martin Canin, música de câmara com Felix Galimir e trabalhou em estreita colaboração com a renomada violinista norte-americana Dorothy DeLay. Em 1990, o Nono Concurso Internacional de Piano Tchaikovsky, de Moscou, outorgou-lhe prêmio especial como melhor pianista de acompanhamento.

A partir daí, a atuação de Rohan De Silva em parceria com virtuosos do violino como Cho-Liang Lin, Midori, Joshua Bell, Benny Kim, Vadim Repin e Julian Rachlin, dentre outros, alçou-o a posição de destaque nos grandes centros internacionais da música de concerto. Com esses e outros grandes artistas, De Silva tem se apresentado nos palcos do *Carnegie Hall* e do *Avery Fisher Hall* nova-iorquinos e do *Kennedy Center*, em Washington. Na Europa, o pianista atua com frequência no *Concertgebouw* de Amsterdã, no *Wigmore Hall* londrino, no *Mozarteum* de Salzburgo e no *Teatro alla Scala* de Milão, além de apresentar-se em importantes festivais internacionais, como os de Manchester, na Inglaterra, Ravinia, nos Estados Unidos, e Schleswig-Holstein, na Alemanha. Constante tem sido também sua parceria com o excepcional violinista israelense Itzhak Perlman, com quem realiza extensas turnês pelos Estados Unidos e pelo mundo todo.

Rohan De Silva integra desde 1991 o corpo docente da *Juilliard School of Music* e, desde 1992, é membro honorário da *Royal Academy of Music* londrina. A partir de 2001, passou a atuar como docente também na Academia de Música de Ishikawa, no Japão, onde ministra concorridas *master classes* de piano.

# CONCERTO EXTRA-ASSINATURA

Sala São Paulo

21 de novembro, domingo, 20H

## Jean-Marie Leclair (1697-1764)

---

Sonata para Violino e Piano, em Ré maior, opus 9, nº 3 c. 13'

Adagio molto moderato  
Allegro  
Sarabande: largo  
Tambourin: allegro vivace

## Ludwig van Beethoven (1770-1827)

---

Sonata para Violino e Piano nº 7, em Dó menor, opus 30, nº 2 ("Eroica") c. 26'

Allegro con brio  
Adagio cantabile  
Scherzo: allegro  
Finale: allegro

INTERVALO

## Antonín Dvořák (1841-1904)

---

Sonatina para Violino e Piano, em Sol maior, opus 100 c. 19'

Allegro risoluto  
Larghetto  
Scherzo: molto vivace  
Finale: allegro molto

Outras obras serão anunciadas pelo artista durante o concerto.

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

22 de novembro, segunda-feira, 21H

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

23 de novembro, terça-feira, 21H

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

---

Sonata para Teclado e Violino, em Si bemol maior, KV454 *c. 24'*

Largo — Allegro

Andante

Allegretto

Richard Strauss (1864-1949)

---

Sonata para Violino e Piano, em Mi bemol maior, opus 18 *c. 27'*

Allegro ma non troppo

Improvisation: andante cantabile

Finale: andante — allegro

INTERVALO

Claude Debussy (1862-1918)

---

Sonata para Violino e Piano, em Sol menor, L.140 *c. 14'*

Allegro vivo

Intermède: fantastique et léger

Finale: très animé

Outras obras serão anunciadas pelo artista durante o concerto.

Informações e ingressos:  
(11) 3258 3344

Vendas online:  
[www.culturaartistica.com.br](http://www.culturaartistica.com.br)

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2010 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

Jean-Marie Leclair (1697-1764)  
Sonata para Violino e Piano, em Ré maior, opus 9, nº 3

Nascido em Lyon, na França, Leclair é considerado o fundador da escola francesa de violino, durante o período barroco. Além de instrumentista e compositor, foi dançarino e coreógrafo, viajando um pouco por toda parte — primeiro, como integrante do corpo de balé da Ópera de Lyon; depois, como artista independente. Conheceu boa parte dos países europeus nos quais a música importava. Encontrou também alguns de seus principais colegas de profissão, no continente e na Inglaterra. Diz-se que foi ali que ele fez contato com o famoso Pietro Locatelli, e que ambos teriam tocado juntos. Segundo um texto da época, Leclair “tocava como um anjo”; Locatelli, “como um demônio”. Mais tarde, depois de ter trabalhado para a nata da aristocracia, estabeleceu-se em Paris, onde, em certa manhã de outubro de 1764, foi encontrado assassinado diante de sua casa. A razão do crime, assim como a identidade do assassino, continuam sendo um mistério ainda hoje.

Leclair deixou vários volumes de sonatas para violino — com ou sem acompanhamento ou baixo contínuo. Nessa instância, influenciaram-no sobretudo Lully e Corelli. Em suas obras, a melodia costuma soar sempre clara e, ao mesmo tempo, possui um recorte muito variado. Em particular, pode-se notar a pureza, a gravidade e a melancolia das longas melodias líricas de seus andamentos lentos. *Allegri* e *Finais*, por sua volta, são repletos de vida, e aí se notam influências italianas. Deliciosamente explosivas são as danças que suas sonatas incluem, como o *Tambourin* da Sonata em Ré maior.

A coleção de Leclair que levou o número de opus 9 compreende doze sonatas que perfazem o *Quatrième livre de sonates*, impresso em 1743. A Sonata em Ré maior, opus 9, nº 3, como indica sua numeração, é a terceira da série. Ela é aberta por um *Adagio molto moderato*, cerimonioso e elegante. Vem, em seguida, um *Allegro* bastante ritmado e lépido, no qual o violino se desincumbe de várias passagens difíceis com cordas duplas. Segue-se uma compassada *Sarabande: largo*, repleta de linhas melódicas muito expressivas. Seu final, momento de especial virtuosismo, é um alegre *Tambourin*, em andamento endiabrado: *allegro vivace*.

Ludwig van Beethoven (1770-1827)  
Sonata para Violino e Piano nº 7, em Dó menor, opus 30, nº 2

As três obras incluídas no opus 30 de Beethoven foram escritas em 1802, temporada especialmente difícil da vida do compositor. Em seu retiro de Heiligstadt, ao se dar conta da crescente e irremediável surdez, ele pensaria até mesmo em suicídio. Isso, antes de se resolver a viver, pela arte.

A Sonata em Dó menor abre-se com um *Allegro con brio* em tom heroico, no qual dois temas principais disputam a atenção do ouvinte, orientando-o na construção da forma-sonata. Um primeiro motivo, no piano, dá início à obra de maneira calma e reticente, proporcionando um pórtico para a entrada do violino, que canta de maneira expansiva. Logo depois, aparece uma nova ideia, em ritmo de marcha, que dará alento especial ao andamento. Mais tarde, um terceiro elemento vem à tona, mostrado de maneira discreta pelo violino, e portador de uma aura de romance. Depois dessa ampla Exposição e de seu subsequente Desenvolvimento, Beethoven surpreende. Em vez da esperada Reexposição, tem-se nesse ponto uma longa Coda, na qual o compositor injeta novos desenvolvimentos.

O segundo movimento, um *Adagio cantabile* em Lá bemol maior, é uma longa canção que comporta cinco seções muito expressivas. Sempre foi bastante elogiada a plasticidade de sua linha melódica. Ainda que a chama da revolta possa ser percebida aqui e ali, esse movimento é dominado por uma atmosfera de prece patética, que ambos os instrumentos desenrolam em conjunto, de maneira devota. Raras vezes em uma sonata para piano e violino os dois instrumentos soaram tão encadeados e mutuamente necessários como aqui.

O terceiro movimento, *Scherzo: allegro*, é uma inesperada seção brilhante, de andamento bastante rápido, baseada em motivos incisivos e violentamente ritmados. Já se disse que, aí, o violino e o piano travam verdadeira guerra contra a matéria, a qual lhes apresenta dificuldades que serão superadas apenas se os executantes tiverem a suficiente maestria para tanto. O mesmo material da parte viva é empregado no Trio, com modificações em sua aura expressiva. E, quando a parte viva retorna, é para ser encerrada de maneira abrupta, sem qualquer preparação perceptível.

O quarto movimento, *Allegro* em forma-sonata, retoma o clima heroico da seção inicial. Todo ele é banhado por ritmos repetitivos e atordoantes. O júbilo toma conta dos executantes, que devem levar a cabo a obra em pauta de autêntica euforia.

Antonín Dvořák (1841-1904)

---

Sonatina para Violino e Piano, em Sol maior, opus 100

No panorama da música da República Tcheca, Dvořák ocupa lugar de destaque como digno sucessor de Bedřich Smetana, e não menos importante antecessor de Leoš Janáček. Foi Brahms que, ao conhecer alguns de seus *Duos Morávios*, recomendou o músico a seu próprio editor. Como em um passe de mágica, esse organista, que vivia quase no anonimato em Praga, tornou-se conhecido em boa parte da Europa. No final do século XIX, depois de haver brilhado inclusive na Inglaterra, foi convidado a dirigir o Conservatório de Nova York. Várias de suas obras datam dessa época, tais como o quarteto “Americano” e a Sinfonia nº 9 “do Novo Mundo”. E, é preciso acrescentar, a *Sonatina para Violino e Piano, em Sol maior, opus 100*. Ela foi composta entre novembro e dezembro de 1893 e, assim, tornou-se a derradeira partitura concluída antes do regresso de Dvořák ao Velho Mundo.

A respeito da Sonatina, disse o musicógrafo francês Pierre-Émile Barbier: “Se a obra é técnica e instrumentalmente simples, por vontade do autor que a dedicou a seus filhos, sua inspiração se revela de permanente frescor, de espontaneidade e de densidade de linguagem”. Ainda que batizada com o diminutivo, ela é uma verdadeira sonata, muito bem equilibrada em seus quatro movimentos.

A fartura e a beleza de seus temas marca o *Allegro risoluto* inicial. O nostálgico *Larghetto* em Sol menor que vem em seguida conta com um tema que se tornou muito popular na Europa e na América. E, enquanto o *Scherzo* é um *molto vivace* curto e brilhante, o movimento final, um *Allegro molto* que se mostra alegre e triste, acaba por evidenciar um tom feliz no encerramento da obra, sinal do profundo otimismo do autor.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

---

Sonata para Teclado e Violino, em Si bemol maior, KV.454

Dos 6 aos 29 anos — de 1762 a 1785, portanto — Mozart compôs mais de quarenta sonatas para seus dois instrumentos prediletos, dos quais era virtuose muito admirado — o teclado, em geral

um cravo e, mais tarde, um *fortepiano*, e o violino. Seu pai gostava de dizer que, se o filho não fosse tão preguiçoso, logo se tornaria o maior violinista da Europa. Nas primeiras obras nesse gênero, o compositor se dobrava ao costume ventilado na época por Johann Christian Bach: o de fazer com que a escrita para o teclado fosse tão desenvolvida que, por vezes, o “acompanhamento” do violino resultava desnecessário. Mas, com o passar dos anos, ao privilegiar o diálogo e as passagens polifônicas entregues a ambos os instrumentos, estes passaram a ser tratados em pé de igualdade, dando nova configuração à velha forma. Assim, Mozart transformou esse gênero de duo em algo moderno que, em um futuro próximo, influenciaria até mesmo Beethoven.

A Sonata em Si bemol maior pertence ao último grupo de obras destinadas a violino e teclado. Pelo equilíbrio formal e expressivo, ela soa não apenas como uma alta paragem do Classicismo maduro, mas também como um arquétipo moderno, do qual a posteridade saberia se servir. Essa obra foi escrita para a violinista italiana Regina Strinasacchi “com toda pressa”, como Wolfgang confessou ao pai. Em sua estreia, a cargo da moça e do próprio compositor, o virtuosismo da obra parece haver intrigado o imperador, que teria pedido a partitura para examiná-la. Qual não foi sua surpresa ao se dar conta de que as partes do compositor estavam em branco, já que Wolfgang Amadeus ainda não tivera tempo de passar suas ideias para o papel. E assim foi que uma peça inacabada foi estreada.

Um curto e emotivo *Largo* logo conduz o ouvinte a um *Allegro* no qual imperam as amplas cantilenas dramáticas. O lento *Andante*, que vem em seguida, é um movimento sublime, construído sobre três temas que fazem o teor da escrita levar ao patético. Depois dessas profundezas, o *Allegretto* final, um rondó, carrega a música para uma festa sonora com profusão comemorativa.

Richard Strauss (1864-1949)

---

Sonata para Violino e Piano, em Mi bemol maior, opus 18

O nome do alemão de Munique Richard Strauss costuma ser associado à ópera, ao poema sinfônico, à obra coral e à canção — com acompanhamento de piano ou orquestra. Em seu alentado catálogo de obras, são relativamente raras as partituras destinadas à reunião de instrumentos solistas em torno da música de câmara. A maior parte dessa faceta pouco frequentada da produção do autor foi composta nas décadas de

1870 e 1880, quando o artista ainda era um adolescente. Muito jovem e quase nada conhecido, ele se entregou a esse gênero com a alma profundamente romântica de um ouvinte atento de Beethoven, Mendelssohn, Schumann e Brahms.

Por pertencer à categoria de “música absoluta”, essa sonata é uma das últimas partituras destinadas por Strauss a poucos instrumentos, na medida em que, à época, ele já se aventurava por suas inebriantes e voluptuosas orquestrações, algo já perceptível em *Aus Italien* e *Macbeth*.

De grande beleza lírica e de apaixonado teor, a Sonata para Violino e Piano em Mi bemol maior foi escrita em 1887-88. Seus três movimentos seguem a tradição de organizar uma sonata nessa tríplice configuração. O historiador francês François-René Tranchefort definiu o primeiro movimento como “poderoso e generoso”, dono de grande riqueza melódica. O andamento lento, para esse estudioso, é um delicioso *Andante cantabile* em Lá bemol maior, que faz referências ao *Erlkönig* de Schubert, à “Sonata Patética” de Beethoven e à atmosfera dos Noturnos de Chopin. Já o movimento final, um *Allegro* aberto por alguns compassos sombrios, tem um desenvolvimento tempestuoso e vivaz, que leva o par de instrumentos a mostrar seu lado especialmente heroico. “A Coda, frenética, é uma verdadeira culminação de alegria”, arremata F.-R. Tranchefort.

Claude Debussy (1862-1918)

*Sonata para Violino e Piano, em Sol menor, L.140*

Abatido pela guerra, que lhe roubava os amigos, e humilhado pelo câncer, que lhe corroía o intestino desde o início do novo século, Debussy planejara uma obra de expressão profunda e em formato que haveria de lembrar seus grandes antecessores do período barroco. Era o prometido volume de *Seis Sonatas Francesas*, em que faria brilhar o gênio de seu país, concebido em um espírito frontalmente antigermânico. Mas a morte interrompeu esse projeto, depois que Achille-Claude completou a terceira obra do imaginado ciclo, a *Sonate pour violon et piano*.

Gênio que se entregou aos segredos daquilo que denominava, com humor, “os últimos progressos da química harmônica” de suas obras orquestrais, além de a numerosas e evasivas canções e às também bastante numerosas e enigmáticas peças para piano, Debussy compôs muito pouco dentro do setor camerístico. Também aí ele revolucionou a música de sua época. Um exemplo

— o Quarteto de Cordas de 1892-93, que levou o gênero a regiões musicais até então desconhecidas. Um dos poucos procedimentos formais da tradição que ele empregara nessa partitura havia sido a “escrita cíclica” de César Franck, princípio que faz uma ideia circular pelos vários movimentos da mesma obra, com fisionomias variadas. Debussy voltou a empregá-la na Sonata para Violino e Piano, só que de maneira esgarçada, como que “demolida”. E, mesmo desejando compor uma obra clássica, o compositor foi moderno ao conceber arquiteturas difusas, construídas sobre temas reticentes e com uma harmonia igualmente incomum e alusiva, que deu à forma um caráter imprevisível, de uma livre improvisação.

O musicólogo Harry Halbreich disse dessa obra: “pela harmoniosa fusão dos dois elementos, Debussy iguala as vitórias miraculosas de Mozart ou Brahms”. Sua estreia deu-se em maio de 1917, na Salle Gaveau em Paris, com o jovem violinista Gaston Poulet, tendo o compositor ao piano, em sua derradeira apresentação pública.

O primeiro andamento, *Allegro vivo*, alimenta-se de dois temas principais: o mostrado logo de início, como um arabesco, e o apresentado bem mais tarde, em que o violino apoia, com uma única nota, as ideias do piano. Ambos serão combinados antes que a fantasista Coda encerre o movimento em sua tonalidade de base: Sol menor.

O intermédio — “fantástico e leve” — remete à agitação da música ibérica com seu primeiro tema, que depois dá lugar, sempre de maneira sonhadora, a um motivo que lembra a atmosfera de uma serenata.

Do movimento final, “muito animado”, disse o próprio autor: “é o simples jogo de uma ideia que rodopia sobre si mesma, como uma serpente que morde a cauda”. A exposição do tema principal é precedida de uma lembrança do primeiro tema do *Intermède*, e é sobre esse material que a sonata é encerrada, em meio a verdadeira celebração sonora.

Comentários de J. Jota de Moraes

Edição SERGIO TELLAROLI

Projeto gráfico CARLO ZUFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Editoração eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Fotos não creditadas DIVULGAÇÃO

Assessoria de imprensa EDISON PAES DE MELO (Editor)

CTP e impressão IPSIS